



POBREZA COTIDIANA E AGENCIAMENTOS EVANGÉLICOS ENTRE MIGRANTES HAITIANOS/AS EM SÃO PAULO

Everyday poverty and evangelical agencies among Haitian migrants in São Paulo

Thauany Vernacci Brewer Pereira Freire*

Universidade de São Paulo (USP)

DOI: 10.29327/256659.15.1-5

RESUMO:

O cristianismo evangélico parece ganhar cada vez mais força na vida social de pessoas haitianas em diáspora. Neste artigo, interrogamos quais têm sido as estratégias que o pentecostalismo oferece a migrantes haitianos cuja existência social se mostra oprimida pela pobreza cotidiana. Para tanto, investigaremos como as igrejas haitianas agem no plano local dos bairros de recepção onde migrantes haitianos/as se instalam. Nossas etnografias revelam que as comunidades evangélicas exercem, atualmente, o papel de espaços de assistência material a migrantes haitianos em seus bairros de recepção. A "batalha espiritual", por sua vez, que caracteriza a teologia pentecostal faz um trabalho moral cuja promessa é proteger este grupo migrante de riscos associados à pobreza que a sociedade atual lhes endereça.

Palavras-chave: Migração haitiana; Cotidiano; Pobreza; Igrejas evangélicas.

* Doutoranda em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo e bolsista FAPESP (20/06119-3), a pesquisadora investiga as dinâmicas da territorialização da migração haitiana na metrópole de São Paulo. Desde a graduação, se dedica a compreender o nexos entre deslocamentos populacionais, o surgimento de novas modalidades habitacionais e o atual momento de reprodução do urbano capitalista. E-mail: thauany.freire@usp.br

INTRODUÇÃO

No Brasil, assim como em outros países, pessoas haitianas vivenciam processos migratórios marcados não apenas pelas dificuldades típicas de adaptação que migrantes costumam encontrar em uma nova sociedade, mas também por privações e sofrimentos que têm origem nas condições críticas de trabalho, remuneração e moradia que vivenciam nas sociedades de destino. Na metrópole de São Paulo, por exemplo, é possível observar que grande parte da população haitiana está empregada em ocupações braçais de baixa remuneração ou em ramos da economia popular onde a remuneração é instável e descontínua. As condições de vida de pessoas haitianas em diáspora, portanto, não raramente são marcadas por experiências cotidianas afetadas pela pobreza.

Neste artigo, busco compreender qual o papel da religião e dos agrupamentos religiosos em meio a experiências migratórias condicionadas pela pobreza. Considerando que o cristianismo evangélico parece ganhar cada vez mais força na vida social das pessoas haitianas em diáspora (Salusky *et al.*, 2021; Louis, 2015; Rey; Stepick, 2012; Brodwin, 2003), interrogamos quais têm sido as estratégias que o pentecostalismo oferece a migrantes haitianos cuja existência social se mostra oprimida por experiências cotidianas de pobreza. A fim de buscar respostas a essas perguntas, investigaremos como as igrejas evangélicas e as comunidades religiosas criadas sob sua teologia agem no plano local dos bairros de recepção onde migrantes haitianos/as se instalam.

As metodologias de pesquisa que embasam este artigo compreendem revisões bibliográficas e pesquisa de campo baseada em técnicas etnográficas (convivência cotidiana, observação participante e entrevistas em profundidade) junto de lideranças religiosas e pessoas haitianas moradoras de um bairro periférico do extremo leste de São Paulo. A análise de nossos materiais etnográficos – reunidos entre 2020 e 2023 – revela que as comunidades evangélicas exercem, atualmente, o papel de espaços de acolhimento e assistência material a migrantes haitianos em contextos urbanos de recepção.

A atuação dessas comunidades religiosas acontece por meio de diversas frentes, como por exemplo: a oferta de ajuda material, incluindo doações de alimentos, dinheiro para aluguel e outras mercadorias de primeira necessidade; a oferta de um ponto constituidor de redes de apoio mútuo, a partir da qual migrantes encontram meios de ingresso tanto às dinâmicas competitivas do mundo do trabalho quanto às estruturas dos serviços urbanos básicos; e, por fim, prescrições específicas de comportamento e visões de mundo,

cujo sentido acaba sendo proteger pessoas haitianas dos riscos aos quais estão expostas em meio a experiências migratórias marcadas pela pobreza.

Nossos achados incluem também o fato de que as igrejas evangélicas haitianas atuam enquanto organizações autogovernadas de “haitianos para haitianos”, ou seja, organizações criadas, geridas e reguladas por migrantes haitianos para atender a comunidade haitiana local. Em meio a um contexto no qual os serviços públicos brasileiros se revelam hostis e estranhos a indivíduos e famílias migrantes, como veremos adiante, a comunidade haitiana prefere recorrer ao universo conhecido e familiar das igrejas haitianas a fim de resolver as mais variadas penúrias cotidianas - adoecimentos, conflitos familiares, desemprego, fome etc.

Associada a essa forma de atuação autogovernada (Manso, 2023), estão os princípios da teologia pentecostal que, centrados na batalha espiritual contra o mal (Alvito, 2012), fornecem diretrizes práticas para que migrantes lidem entre si com as dificuldades geradas por experiências de pobreza. Argumentamos, assim, que as comunidades evangélicas e aspectos específicos desta doutrina religiosa oferecem respostas pragmáticas para problemas ligados às manifestações cotidianas da pobreza no interior de uma forma social capitalista na qual a socialização pelo trabalho competitivo e pelo dinheiro - ao se tornar mediação imperativa da existência social e subjetiva dos indivíduos (Postone, 2014) - expõe migrantes haitianos/as a riscos com os quais são obrigados a negociar diariamente.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A POBREZA NO ESTUDO DO MUNDO EVANGÉLICO HAITIANO

Desde a origem da formação colonial do Haiti, as práticas religiosas estão no centro do mundo social do país. Para Joseph (2010), podemos afirmar que o vodu, enquanto religião diaspórica de matriz africana, condensa aspectos elementares da identidade haitiana. Autores como Hurbon (1987) e Corten (2014), por exemplo, enfatizam o papel do vodu enquanto estrutura de coesão social que conduziu pessoas escravizadas à revoltas durante o período colonial, fazendo da cerimônia de Bois Caiman¹ o evento fundador na narrativa da Revolução Haitiana. Não é de hoje, portanto, que a religião e as dinâmicas espirituais são o

¹ A literatura historiográfica sobre o Haiti conta que durante a cerimônia de Bois Caiman, cativos aquilombados sacrificaram um porco em oferenda à *Ogou*, um *Iwa* (entidade vodu) guerreiro, selando assim um pacto coletivo de revolta contra os senhores.

eixo a partir do qual pessoas haitianas, em seu país de origem ou em diáspora, compreendem a existência, criam comunidades e elaboram estratégias de vida.

Isso significa que, enquanto herança do vodu haitiano, a conexão com entidades espirituais e não-humanas integra historicamente as práticas e cosmovisões do povo haitiano, atravessando, inclusive, as práticas de outras religiões presentes no país. Levando em conta as limitações dos levantamentos estatísticos para a compreensão da complexa vida religiosa em curso no Haiti, uma antropóloga haitiana afirmou que o Haiti era "95% católico e 100% vodu" (ver Joseph, 2010). Passados alguns anos, Gilles Duroc (2010) atualizava os números, mantendo ainda a ironia do enunciado que, segundo ele, precisa ser levado a sério. Segundo ele o Haiti daquela década agora era 80% católico, 40% protestante e 90% vodu (2010). Os/as autores/as buscam, assim, chamar a atenção para o fato de que não somente as pessoas transitam continuamente entre o vodu e o catolicismo, mas também que *o Vodu está enraizado no pensamento social haitiano, na cultura popular, nos gestos, nas falas, etc.* (Joseph, 2020), informando a própria forma de ser dos cristianismos haitianos.

Nas últimas décadas, no entanto, o protestantismo tem crescido continuamente entre a população haitiana, acompanhando uma tendência generalizada em toda a América Latina. As estatísticas religiosas no Haiti apontam para o fato de que o catolicismo segue predominante entre as auto identificações, mas que as formas protestantes e pentecostais do cristianismo têm crescido continuamente ao longo do século XX. Se em 1930 apenas 1,5% da população participava de denominações protestantes, nas décadas seguintes, entre 1930 e 1940, essa cifra dobrou. Em 1970, 20% da população no Haiti havia aderido ao mundo evangélico, chegando, nos anos 2000, a abranger aproximadamente um terço da população (Louis, 2015, p.4).

Os números do crescimento evangélico, no entanto, são ainda mais expressivos entre haitianos/as migrantes que vivem no exterior (Ibid.). Em um levantamento realizado nas Bahamas, no ano de 2005, 27,7% dos haitianos se identificaram como Católicos, enquanto 29.1% como Anglicanos, Batistas ou Pentecostais (*College of the Bahamas*, 2005, 100 in Louis, 2015). Tais números contrariavam o passado majoritariamente católico e voduísta que o geógrafo Dawn Marshall (1979) observava dentro desse grupo migrante. Transformações semelhantes parecem estar em curso em outros destinos históricos da

diáspora haitiana, como Guadalupe, República Dominicana e Estados Unidos (Salusky, *et al.*, 2021; Brodwin, 2003, Rey; Stepick, 2013): uma realidade que se manifesta, por exemplo, na multiplicação, a partir dos anos 1980, de igrejas protestantes e pentecostais em destinos tradicionais da diáspora haitiana, como Miami, Nova York e certas cidades caribenhãs (Louis, 2015; Rey; Stepick, 2013; Brodwin, 2003).

Diante deste fenômeno, diversas pesquisas passaram a investigar a nova feição evangélica da vida religiosa de haitianos/as em diáspora. A maioria das pesquisas chamam a atenção, por exemplo, para os modos pelos quais as igrejas evangélicas se tornaram importantes espaços de construção de comunidade e autoafirmação identitária em contextos de recepção que discriminam pessoas haitianas (Aguilar, *et al.* 2024; Salusky, *et al.*, 2021; Louis, 2015; Brodwin, 2003). Mostram, assim, que os agrupamentos organizados em torno das doutrinas protestantes e pentecostais são, para a maioria das/os migrantes haitianos, o principal contexto a partir do qual acionam estratégias de pertencimento, inserção social e refazimento da cultura de origem.

Em destinos como Brasil e Chile, diversos pesquisadores constatam que o cristianismo evangélico é a religião predominante entre haitianos/as em diáspora, constituindo-se enquanto universo simbólico organizador das comunidades e práticas desse grupo migratório. Butikofer (2021) e Jesus (2020), notam a centralidade das igrejas evangélicas na construção das comunidades de pertencimento e redes sociais entre haitianos em suas cidades de destino. Marcelino (2023), por sua vez, chama a atenção para a importância do cristianismo evangélico no modo como migrantes haitianos/as elaboram suas experiências migratórias. Segundo a autora, suas cosmovisões migratórias – a saber, *sua maneira específica de compreender os processos migratórios* (idem, p. 64) que vivenciam – tem sido fomentada por aquilo que a autora denomina de *crenças religiosas*, notadamente construídas dentro de ambientes evangélicos.

Reconhecendo os múltiplos ângulos a partir dos quais o universo evangélico haitiano pode ser abordado, decidimos focar nossa preocupação especificamente no modo como as comunidades evangélicas respondem às condições de pobreza vividas por pessoas haitianas em meio aos seus processos migratórios. A noção de pobreza que embasa nossa problematização está baseada na sua dinâmica cotidiana e vivida, tal como habita as concepções e experiências imediatas de pessoas migrantes haitianas moradoras de São Paulo.

No mercado de trabalho competitivo de São Paulo, trabalhadores/as haitianos/as estão submetidos/as ora a ocupações mal remuneradas em empresas ora a bicos, trabalhos eventuais e autoemprego em ramos do comércio ambulante, pequenos negócios de baixa capitalização e construção civil em mercados de vizinhança.

Longos ciclos de desocupação também são frequentes entre nossos/as interlocutores/as de pesquisa. Como consequência, insegurança alimentar e condições precárias de moradia² são realidades recorrentes entre famílias haitianas moradoras de São Paulo. Tais dimensões cotidianas da pobreza são bastante significativas para a nossa questão pois abrangem as estratégias diárias de nossos interlocutores para enfrentá-las: dentre as quais se situam as práticas agenciadas em torno das igrejas evangélicas haitianas.

Entendemos, assim, que as práticas e cosmovisões que pessoas haitianas constroem em ambientes evangélicos pertencem ao domínio de suas agências, ou seja, ao domínio das formas como agem, pensam e se posicionam *dentro e em relação* ao universo de relações sociais que habitam. O conceito de agência aqui mobilizado obedece sua acepção radicalmente relacional (Deleuze, 1990; Foucault, 1982), distanciando-se, assim, das concepções liberais que a celebram como sendo movida por espontaneidade imanentes aos indivíduos. Isso significa que compreendemos as agências cotidianas construídas no seio da religião evangélica como sendo construídas *em relação* às formas de vida social vigentes.

Ainda neste âmbito, é importante destacar que preferimos compreender as agências religiosas movidas por pessoas haitianas em contexto migratório não como um domínio antropológico específico e à parte determinado por uma variedade abstrata e global de culturas, mas como um domínio construído em resposta às dinâmicas da forma social capitalista (ver Postone, 2014) e ao seu caráter racializado (ver Robinson, 2023). Ao mostrar como as agências religiosas de pessoas haitianas respondem a contextos de pobreza, argumentamos que estas estão inscritas dentro de uma forma social na qual processos históricos de despossessão – ou seja, a destituição violenta de meios autônomos de vida – levaram pessoas à condição de força de trabalho, tornando o dinheiro, o mundo (hoje compe-

² As situações de iminência de despejo, por exemplo, são comuns entre pessoas haitianas moradoras das periferias de São Paulo, dado que a instabilidade da remuneração e o desemprego posicionam as famílias na conhecida situação em que precisam escolher entre "comer ou pagar o aluguel". Além disso, por morarem muitas vezes em áreas sujeitas a enchentes, são frequentemente forçadas a deixar os imóveis onde moram em busca de novas alternativas.

titivo) do trabalho e os serviços estatais os pilares mediadores de suas sobrevivências. Nesse sentido, os riscos e dificuldades com os quais migrantes haitianos/as lidam religiosamente, remetem a uma forma de socialização que produz *sujeitos monetarizados sem dinheiro* (Kurz, 1993) – ou seja, sujeitos obrigados a se integrarem pelos termos do dinheiro, mas a quem lhes são negadas as condições necessárias para tanto.

Para pessoas haitianas em diáspora, o sentido da experiência de pobreza tem uma dimensão profundamente transnacional (Glick Schiller; Basch; Blanc-Szanton, 1995), uma vez que envolve as condições vividas pelos familiares que permaneceram no Haiti. A precariedade dos seus salários, assim, se desdobra na incapacidade de realizarem um dos pilares de seus projetos migratórios: o envio de remessas às suas famílias. O envio de remessas é muitas vezes selado como uma obrigação entre familiares, uma vez que muitos dos membros que permanecem no Haiti contam com essas quantias para investirem em suas produções agrícolas, construírem casas, pagarem mensalidades escolares, acessarem tratamentos médicos etc. (ver Magalhães; Baeninger, 2014). O não cumprimento de tal expectativa denota fracasso do projeto migratório, movendo o sentimento de impotência em relação à possibilidade de usarem a migração para romper com os ciclos de miséria que acometem suas famílias na origem.

Nosso artigo irá argumentar, assim, que é no seio das experiências migratórias condicionadas pela pobreza que se formam muitas das práticas que permeiam o mundo evangélico haitiano. Embora diversos autores tenham enfatizado o significado das comunidades evangélicas haitianas como estratégias de proteção diante da marginalização que migrantes vivenciam nas sociedades de destino, pouco foi problematizado sobre o modo como a religião pentecostal têm sido mobilizada para responder às privações, frustrações e riscos gerados pela pobreza cotidiana. Assim, ao investigarmos como pobreza e religião se imbricam na realidade migrante haitiana contemporânea, buscamos tecer novas problematizações no campo dos estudos da religião e das migrações.

A GENTE FAZ DE TUDO UM POUCO: IGREJAS EVANGÉLICAS E OS AGENCIAMENTOS MIGRANTES EM CONTEXTOS DE POBREZA

Entrevistas com moradores locais revelam que os primeiros grupos de migrantes haitianos passaram a se instalar nos bairros do extremo leste de São Paulo a partir de 2011, um ano

após o início da migração haitiana para o Brasil. Experimentando condições precárias de trabalho e remuneração em São Paulo, migrantes haitianos encontraram nos mercados populares de locação dos bairros periféricos alternativas residenciais viáveis dentro de seus orçamentos, assim como modalidades de habitação comparativamente mais vantajosas do que aquelas oferecidas nos mercados de pensões e cortiços das áreas centrais.

Com o passar dos anos, efeitos de chamada (Jesus, 2020, p.51) entre migrantes levaram ao crescimento da população haitiana nesses bairros, tornando alguns deles - como Guaianases, São Mateus e Cidade Tiradentes – destinos residenciais significativos desse grupo migratório. Se inicialmente a maioria das pessoas recém-chegadas eram homens solteiros ou desacompanhados, a partir dos últimos anos,³ o perfil das comunidades haitianas locais acompanha o padrão verificado no país como um todo (SINCRE/SISMIGRA/Ne-po Unicamp) e passa a ser cada vez mais familiar, com um número crescente de mulheres e crianças – haitianas e nascidas no Brasil – fazendo parte da vizinhança.

Conforme observamos, a maioria das famílias haitianas moradoras da zona leste frequenta igrejas evangélicas locais. No bairro onde nossa pesquisa se concentra, algumas famílias migrantes se dirigem a igrejas brasileiras da vizinhança, mas a maioria prefere frequentar uma das duas igrejas evangélicas haitianas que existem nas imediações. Além dos cultos e atividades religiosas, como grupos de leitura bíblica e de *adoration*,⁴ constatamos que famílias haitianas recorrem com frequência às lideranças religiosas locais para pedir ajuda material. Um de nossos interlocutores, tesoureiro e membro de uma das igrejas haitianas locais, descreve as atuações das lideranças dentro da comunidade religiosa da seguinte maneira:

a gente faz de tudo um pouco (risos). Vai com eles na PF, vai no médico ajudar a falar com as pessoas, ajuda a colocar a criança na escola, dá dinheiro pro aluguel quando precisa, consegue doação de alimento. (...) A gente é o lugar de referência deles, entendeu? Quando uma pessoa chega no Brasil, chega aqui em [nome do

³ De acordo com informações verbais e observações coletadas em equipamentos socioassistenciais locais.

⁴ O uso do conceito nativo de *adoration* busca abranger as especificidades dos cantos, ritmos e orações que envolvem os rituais de adoração nas igrejas haitianas evangélicas. Os grupos de adoração são responsáveis por apresentarem canções, cantadas em coro principalmente nos cultos dominicais. Semanalmente, os grupos - separados por gênero - se reúnem para selecionar e ensaiar as canções a serem apresentadas, bem como para planejar e montar seus figurinos.

bairro], a gente consegue um lugar pra ela dormir, vê se alguém sabe de um trabalho pra ela (Entrevista realizada no dia 24.05.2023).

A ideia de um *lugar de referência* designa as igrejas evangélicas enquanto espaço preferencial ao qual haitianas recorrem ao longo de seus processos de adaptação e fixação na cidade de destino. Em mais de uma ocasião em que participei de reuniões entre funcionários administrativos e lideranças das igrejas, observei que os membros das igrejas as reconhecem como as únicas organizações que conseguem assistir à população haitiana de acordo com as suas necessidades materiais. Destacam, por exemplo, o fato de que mesmo os serviços públicos do bairro sendo abertos para as famílias migrantes, elas continuam precisando de acompanhamento.

As longas filas de espera, as frequentes discriminações raciais vividas em interações com usuários e funcionários e as barreiras linguísticas fazem dos equipamentos públicos ambientes muitas vezes hostis e estranhos a pessoas migrantes. Soma-se a isso o fato de que os protocolos básicos de atendimento das instituições brasileiras muitas vezes se apresentam opacos para pessoas não-brasileiras, algo que acaba se resolvendo na troca de informações entre migrantes há mais tempo instalados no destino e, em alguns casos, com o apoio de alguns equipamentos socioassistenciais do bairro.

Assim, ainda que as igrejas não cheguem a substituir os serviços públicos (escolas, hospitais, equipamentos socioassistenciais, políticas de transferência de renda etc.) dos quais essa população depende de forma vital, as organizações religiosas evangélicas estão presentes na vida cotidiana das pessoas haitianas de uma forma muito mais próxima e pessoalizada do que as instituições estatais. Dentro dessas organizações "de haitianos para haitianos", as lideranças religiosas compartilham com os fiéis a mesma língua nativa e as mesmas referências culturais de origem.

O fato de serem todos membros de um pequeno agrupamento, ou seja, de uma circunferência limitada de pessoas que frequentam um mesmo espaço com bastante regularidade, faz com que os pastores e outros membros da igreja tratem os problemas de seus fiéis de forma singular e complexa, em geral conhecendo muitos detalhes de suas histórias de vida e sofrimentos. Além disso, essas lideranças são acessíveis, não raramente deixando seus números de telefone à mão de alguns fiéis.

Importante sublinhar, a essa altura, que a dependência em relação ao Estado é uma realidade que se tornou necessária na medida em que a colonização e expansão do capitalismo expo-

priou diversos povos de meios autônomos de sobrevivência (Marx, 1984 [1867]), colocando-os sob a condição de força de trabalho dependente de salários diretos (rendimentos diretos do trabalho) e salários indiretos (provisão de serviços gratuitos necessários à reprodução da força de trabalho) (ver também Oliveira, 1988). Para Gilles Danroc (2010), a cosmovisão haitiana foi forjada num cenário de *ausência de Estado e estruturas de assistência institucionalizadas*.

Historicamente, a população haitiana agencia seus problemas cotidianos recorrendo aos conhecimentos e visões que os sistemas religiosos lhes proporcionam. Vonarx (2012) endossa essa interpretação, afirmando a importância dos rituais vodus de cura dentro das comunidades rurais do interior do país, onde inexistem hospitais e sistemas institucionais de saúde. O parâmetro comparativo desses autores está assim, no modo como procedem as populações em países onde existiu algum padrão de financiamento público dos serviços sociais (Oliveira, 1988).

Nas análises sobre o crescimento do pentecostalismo nas periferias urbanas brasileiras, são comuns afirmações de que a igreja funciona como um Estado de bem-estar informal ou improvisado (Spyer, 2020a; Manso, 2023). Segundo o argumento de Juliano Spyer (2020a; 2020b), a postura empreendedora e evangelizadora das igrejas faz com que as igrejas ofereçam serviços "que o Estado não dá conta ou para os quais a sociedade brasileira não se mobiliza" (Spyer, 2020b). Providenciando serviços que abrangem, por exemplo, o tratamento de dependência química, caronas para o hospital e resolução de conflitos familiares, as igrejas pentecostais são capazes de melhorar a vida de seus fiéis em contextos periféricos em que os serviços públicos são precários e insuficientes. O argumento remete, assim, ao fato de que as igrejas se ocupam precisamente daquelas ações cuja responsabilidade tem sido historicamente atribuída às esferas públicas (Oliveira, 1988).

As igrejas locais brasileiras também têm oferecido assistência material e acolhimento à população haitiana da vizinhança. O pastor de uma das igrejas haitianas do bairro conta que uma das igrejas de nomeação Adventista das imediações deu um *apoio muito forte* aos haitianos entre 2011 e 2012, primeiro momento em que a população haitiana passa a se instalar no bairro. Nas dependências dessa igreja, o pastor brasileiro promovia campanhas de doação direcionadas aos migrantes recém-chegados: *ele pegava colchão, cesta básica, panela, tudo para dar para o povo haitiano*.

A atuação das igrejas brasileiras no acolhimento de haitianos se revela igualmente em relatos como o de E, que passou a frequentar uma Igreja Adventista do Sétimo Dia do bairro a convite de uma vizinha brasileira⁵. Ela conta que os pastores e outros membros da igreja sabiam falar crioulo haitiano e demonstravam constantemente preocupação com as suas condições emocionais e materiais durante aqueles primeiros meses em que ela buscava se estabilizar na cidade. Um dos pastores e, também, uma das suas irmãs da igreja chegaram a lhe oferecer algumas orientações sobre como procurar emprego e até mesmo comida, roupa e alguns eletrodomésticos.

Apesar do papel das igrejas brasileiras na assistência à população haitiana recém-chegada, observamos que são as igrejas haitianas que protagonizam o papel de espaço de referência e acolhimento dentro dessa comunidade migrante. Isso passou a acontecer principalmente depois que algumas lideranças haitianas - em alguns casos, com a ajuda de igrejas brasileiras - conseguiram imóveis onde deram início às suas próprias atividades de forma independente.

Os motivos que explicam a preferência por igrejas haitianas envolvem o fato de que nelas o estilo do culto e a convivência com conterrâneos torna possível a rememoração e o refazimento de experiências anteriormente vividas no Haiti. Além dos cultos serem celebrados em crioulo haitiano, os momentos de adoração acontecem sob as bases rítmicas do *komp*⁶ e do reggae de canções e palavras pertencentes ao *Chants d'Espérance*⁷. O uso transnacional do mesmo conjunto de canções (Louis, 2015) e do estilo de pregação, faz com que muitas pessoas – cuja religião anterior à São Paulo já era protestante - cheguem na igreja com os versos e as melodias já gravadas na memória, dando a sensação, conforme descreveu uma jovem garota haitiana: de estar ali há muito tempo (original em crioulo haitiano, tradução minha).

Nesse sentido, a forma específica pela qual as igrejas evangélicas podem ser fundadas – em geral, independentes de um clero ou de uma supervisão centralizada – favorece a criação de comunidades religiosas autogovernadas (Manso, 2023). Ao lado de serviços subsidiados pelo Estado e dos programas institucionalizados de transferência de renda, as ações das igrejas são os meios pelos quais as famílias haitianas conseguem acessar merca-

⁵ E. chegou no Brasil em fevereiro de 2023, junto de seu filho de 10 anos de idade, 6 anos depois da vinda de seu marido para São Paulo.

⁶ Gênero musical do Haiti.

⁷ Livro (também existente na versão de aplicativo) usado por pessoas evangélicas no Haiti e em diáspora, no qual é possível encontrar vasto conjunto de cantos e hinos em francês e crioulo haitiano.

dorias e serviços que sob a mediação exclusiva dos rendimentos individuais lhes seriam inacessíveis.

Para Bruno Paes Manso (2023), as igrejas pentecostais são instituições *criadas pelos pobres, para os pobres*, resultante das maneiras que a população criou para se governar quando as expectativas em relação aos serviços de cunho social do Estado se revelam frustradas. Tal análise ressoa na reflexão de um dos pastores que entrevistamos, na qual o cuidado em relação às *pessoas em dificuldade* e aos *necessitados* aparece como sendo responsabilidade da igreja:

A igreja é o lugar que deve nutrir as pessoas em dificuldade. Mas quando falo de nutrição espiritual, tenho que falar também de nutrição material. A nutrição material tem a ver com os necessitados. Então o dever da igreja é ajudar essas pessoas. Existem pessoas que pedem ajuda para pagar aluguel, comer. Isso é o trabalho da igreja.

BATALHA ESPIRITUAL E OS SENTIDOS DO *MAZ* EM CONTEXTOS DE POBREZA

Para além de doações e redes de assistência, a população haitiana encontra nas igrejas evangélicas haitianas os efeitos que a conexão com *Bondyé*⁸ provoca em suas vidas subjetivas e emocionais. A conexão com *Bondyé* acompanha a vida religiosa haitiana antes mesmo da emergência e fortalecimento do pentecostalismo, sendo um elemento estruturador de táticas individuais e coletivas de proteção em meio a condições de subalternização e empobrecimento. Enraizada nas tradições que misturam o vodu e catolicismo, a comunicação constante com a divindade criadora têm oferecido ao povo haitiano narrativas, conceitos e interpretações através das quais orientam práticas e decisões – das mais corriqueiras às mais decisivas em suas vidas. Com a figuração especificamente pentecostal de *Bondyé*, sua importância na vida espiritual dos devotos permanece, mas ganha novos atributos, orientando, conseqüentemente, novas práticas e orientações.

Bell Hooks (2020 [2000], p. 115) define a espiritualidade como sendo “um reconhecimento dentro de cada um de que existe um lugar de mistério na nossa vida onde forças

⁸ No vodu haitiano, a palavra *Bondyé* designa a divindade suprema autora e governante do mundo, que se manifesta nas ações e vidas de todos os seres e *lwás* (entidades espirituais, que em alguns casos correspondem aos orixás do Candomblé). Na sua versão cristã evangélica, *Bondyé* continua sendo a divindade suprema criadora do mundo, mas seus atributos são mais próximos daqueles do Deus cristão.

que estão além do desejo ou da vontade humana interam as circunstâncias e/ou nos guiam e nos direcionam”. Hooks defende ao cultivarem uma vida espiritual as pessoas buscam preencher suas vidas da “presença de espíritos transcendentais” (idem), dando alguma forma e sentido a essas forças misteriosas. Na gramática do cristianismo evangélico haitiano, essa “presença de espíritos transcendentais” (idem) ganha o nome e os atributos particulares nas figuras de Bondyè.

De acordo com Alvito (2012), a teologia pentecostal enxerga a vida como uma contínua guerra espiritual. A existência de forças demoníacas, segundo a doutrina, é a principal causadora de tragédias e problemas na vida humana, levando aos cultos evangélicos a necessidade contínua de guerra contra o mal. Alvito (2012) chama atenção ainda para o fato de que, na visão pentecostal, essas forças demoníacas que regulam a vida terrena, assombrando a todo momento a vida humana. A batalha contra o *Mal*, nesses termos, faz de Bondyè um guia nesta batalha espiritual que exige vigilância contínua. Na explicação de um pastor que lidera uma das igrejas haitianas da zona leste:

Você já ouviu falar de forças demoníacas? Existem duas forças que governam o mundo: o Bem e o Mal. Estas duas forças se opõem. Devemos trabalhar para vencer a força do mal. É por isso que um pastor deve ser uma pessoa prudente, não é uma tarefa fácil.

Segundo o pastor, a batalha contra o mal é uma tarefa árdua que faz parte da sua responsabilidade enquanto líder religioso. Nos cultos de sua igreja (pertencente à Assembleia de Deus/Église de Dieu), a menção ao diabo é uma constante, assim como em alguns rituais voltados à cura de pessoas adoecidas. Na convivência etnográfica com migrantes haitianos/as, observamos que a luta contra o mal cultuada na cultura evangélica exerce um trabalho moral e prático em suas vidas cotidianas. As orações e a leitura bíblica proporcionam momentos de auto-meditação e instrução, servindo como hábitos espirituais alternativos às tentações terrenas. Através da contínua vigilância moral dos comportamentos, por sua vez, é possível evitar eventos considerados malignos.

Exemplos concretos de comportamentos que atraem forças malignas se manifestam, por exemplo, naquilo que meus/minhas interlocutores/as descrevem como sendo “vagabundagem”. A palavra aparece, por exemplo, para julgar homens que mantêm relações sexuais fora do casamento, que abusam do álcool ou que simplesmente frequentam

bares e boates ao invés de praticarem a oração. Também foi empregada para identificar pessoas que praticam comércios ilícitos ou assaltos - tanto no Brasil como no Haiti -, ou ainda, para avaliar a conduta daqueles que chegam atrasados no local de trabalho. Tais comportamentos não apenas denotam desconexão com os princípios cristão, mas um estado de suscetibilidade à situações trágicas - saber, malignas. Conquistar hábitos e uma personalidade coerente com as palavras de Bondyè e Jézi, implica, portanto, táticas para evitar hábitos vistos como incapacitantes para o trabalho e desagregadores do convívio familiar.

Em conversas com mulheres haitianas, elas sublinharam a importância de *mesye Bondyie chak jou*. É preciso agradecer a Deus, afirmaram, pela própria saúde e da família, por terem uma cama para dormir, por terem conseguido algum trabalho, pela ajuda que receberam de alguém num momento de dificuldade. Assim, elas enxergavam suas próprias condições por meio de uma lente comparativa em relação àquelas pessoas cuja condição de vida estava marcada por um sofrimento irreversível ou ainda mais grave. Ou seja, avaliavam positivamente suas vidas confrontando-as enquanto antítese de uma vida que consideravam pior. Exercitar esse olhar comparativo lhes parece estratégico precisamente porque as orientam a adotar medidas de contenção, ou seja, práticas para evitar situações às quais sabem estar vulneráveis, como desemprego, doenças evitáveis, solidão e desamparo.

Assim, a linguagem de batalha espiritual da fé evangélica pode não se desdobrar numa efetiva ascensão financeira e profissional, mas acaba operando como um dispositivo de autocontrole e auto-adequação por meio do qual buscam proteção contra riscos aos quais elas se percebem expostas. Com isso em vista, defendemos que o “mal” que a cosmovisão pentecostal de meus interlocutores procura evitar corresponde aos comportamentos que, em contextos de estigmatização e pobreza, podem levar sujeitos à eventos trágicos, como desagregação familiar, adoecimentos incapacitantes, desemprego, mortes prematuras etc. Ou seja, os variados riscos que a sociedade atual lhes endereça. Os significados do Mal na teologia pentecostal, tal como apropriado por sujeitos haitianos, estão baseados em observações e experiências diárias que correspondem a uma realidade social mais ampla, a de que determinados riscos e eventos trágicos assombram, com muito mais frequência, a vida de pessoas pobres, negras e não-brancas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção ao longo do artigo foi apresentar alguns aspectos dos modos como o universo evangélico faz parte do conjunto de estratégias cotidianas movidas por migrantes haitianos/as para se protegerem de experiências e riscos associados à pobreza. Os casos etnográficos aqui expostos sinalizaram o caráter de assistência material assumido pelos agrupamentos religiosos evangélicos em meio a contextos de privação material, sobretudo em frentes que nem os rendimentos individuais do trabalho nem as instituições estatais são capazes de endereçar. Se a religião e as entidades espirituais são elementos históricos constitutivos das organizações comunitárias haitianas, algo novo, no entanto, está em vista: o crescimento das variantes evangélicas como doutrina de fé e mediação da conexão com *Bondyé*.

O cristianismo evangélico aparece, assim, no centro dos modos como migrantes haitianos/as agenciam entre si as lidas diárias em face das privações vividas em São Paulo: como elemento de coesão identitária dentro da comunidade de devotos; como estrutura de organização autogovernada voltada ao apoio material de migrantes; e como guia moral de condutas e comportamentos voltados a afastar eventos malignos. A realidade imediata diante da qual suas agências individuais e coletivas estão posicionadas é, portanto, aquela da experiência migratória marcada não apenas pelas perdas e estranhamentos tipicamente vividos por pessoas migrantes, mas também pela experiência cotidiana da pobreza.

A privação material que experienciam, bem como os riscos que procuram evitar em contexto migratório através da batalha espiritual, são realidades presentes majoritariamente na vida de grupos sociais pobres e não-brancos. No Brasil, pesquisas apontam, por exemplo, como a morte prematura, as doenças evitáveis e o desemprego acometem desproporcionalmente a vida de pessoas negras e não-brancas (Ipea/FBSP, 2013; Canal Saúde, 2018; Agência Brasil, 2022). Em escala mundial, essa realidade se repete, submetendo grande parte da população haitiana a estes mesmos riscos e privações- os quais muitas vezes se repetem nos seus destinos migratórios.

Nosso foco nas dimensões cotidianas dos fenômenos deixou de lado, no entanto, problematizações sobre o modo como a reprodução social capitalista vigente têm produzido a realidade vivenciada por pessoas haitianas em diáspora. Argumentamos, assim, que

futuras análises sobre o nexo entre pentecostalismo e migrações haitianas requer problematizações: tanto sobre as lógicas racializadas de produção social de pobreza; quanto sobre as características atuais da reprodução da sociedade que tornam o pentecostalismo uma das formas prioritárias de organização comunitária entre migrantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA BRASIL. *Desemprego é maior entre mulheres e negros*, diz IBGE. 2023. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-05/desemprego-e-maior-entre-mulheres-e-negros-diz-ibge>. Acesso em 31 de maio de 2024.

AGUILAR, H.; SANDOVAL, G.; GISSI, N. Haitianos evangélicos em Santiago de Chile: convivência, fronteiras étnicas e religiosidade migrante (2018-2020). In: *Rev. Estud. Soc.*, v. 87, 2019. pp. 61-77.

ALVITO, M. 'Nós contra o mundo. Pentecostais ajudam na inserção social dos mais pobres, mas criam uma guerra espiritual: fora da igreja só existe o diabo'. In: *Revista de História do Museu Nacional*, 87(8), 2012. p. 27-29.

BRODWIN, P. Pentecostalism in translation: Religion and the production of community in the Haitian diaspora. In: *Am. Ethnol.*, v. 30, n. 1, 2003. pp. 85-101.

BUTIKOFER, E. A. *Entre fronteiras territoriais e culturais: etnopaisagens e alteridades entre migrantes negros do Sul Global em Guaianases/SP*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais). São Bernardo: Universidade Federal do ABC, 2021.

CANAL SAÚDE. *Negros têm maior incidência de problemas de saúde evitáveis no Brasil, alerta ONU*. 01 de fevereiro de 2018. Disponível em <https://www.canalsaude.fiocruz.br/noticias/noticiaAberta/negros-tem-maior-incidencia-de-problemas-de-saude-evitaveis-no-brasil-alerta-onu-2018-02-01>. Acesso em 31 de abril de 2024.

COLLEGE OF THE BAHAMAS. *Haitian Migrants in the Bahamas: A Report for the International Organization for Migration*. Disponível em http://iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/books/Haitian_Migrants_Report.pdf. Acesso em 2023.

CORTEN, A. Pentecostalism, baptism, and political system in Haiti. In: *Hist. Monde Cult. Relig.*, v. 1, n. 29, 2014. pp. 119-132.

DANROC, G. Les Haïtiens unissent leur force à celle de Dieu. In: *La Croix*, Paris, 14 jan. 2010. Disponível em: <https://www.la-croix.com/Religion/Actualite/Les-Haitiens-unissent-leur-force-a-celle-de-Dieu- NG -2010-01-14-545211>. Acesso em 2024.

DELEUZE, Gilles. The Simulacrum and Ancient Philosophy. In: BOUNDAS, Constantin V. (ed.). *The Logic of Sense*. New York: Columbia University Press, 1990.

FAUSTINO, D. M.; OLIVEIRA, L. M. Xenoracismo ou xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. In: *Rev. Interdiscip. Mobil. Urbana*, v. 29, n. 63, 2022. pp. 193-210. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006312>. Acesso em 06 de junho de 2023.

FEIJÓ, J. *Negros ainda são maioria com rendimento até 2 salários mínimos*. 01 dez. 2022. Fundação Getúlio Vargas. Disponível em <https://portal.fgv.br/artigos/negros-ainda-sao-maioria-rendimento-ate-2-salarios-minimos>. Acesso em 31 de maio de 2024.

FOUCAULT, Michel. *Afterward: The Subject and Power*. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (ed.). *Michel Foucault: Beyond Structuralism and Hermeneutics*. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

GLICK SCHILLER, N.; BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C. From immigrant to transmigrant: theorizing transnational migration. In: *Anthropol. Q.*, v. 68, n. 1, 1995. pp. 48-63. Disponível em <https://doi.org/10.2307/3317464>.

HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

HURBON, L. *Dieu dans le vaudou haïtien*. Port-au-Prince: Éd. Henri Deschamps, 1987.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (Ipea); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). *Atlas da violência*. Coordenação de Daniel Cerqueira e Samira Bueno. Rio de Janeiro: Ipea, 2023.

JOSEPH, H. O universo espiritual e cultural da primeira República Negra: Haiti. In: *Rev. Raça Fé*, v. 8, n. 2, 2006. pp. 05-20.

JESUS, A. D. *Redes da migração haitiana no Mato Grosso do Sul*. Tese (Doutorado em Geografia). Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.

JOSEPH, H. *Vodu no Haiti – Candomblé no Brasil: identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundo Afro-Latino-Americano*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2010.

KURZ, R. *O colapso da modernização: do socialismo de caserna à crise do sistema mundial*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1993.

LOUIS, B. M. *My soul is in Haiti: Protestantism in the Haitian diaspora of the Bahamas*. Nova York: New York University Press, 2015, 179p.

MANSO, Bruno Paes. *A fé e o fuzil: crime e religião no Brasil do século XXI*. São Paulo: Editora Todavia, 2023

MARSHALL, D. *"The Haitian Problem": Illegal Migration to the Bahamas*. Kingston, JM: Institute of Social and Economic Research, University of the West Indies, 1979.

MARX, K. *O capital. Crítica da Economia Política*. Livro I, tomo II (vol. I) Abril Cultural, São Paulo, 1985.

MEDEIROS, B. A. de. Crenças religiosas de haitianos evangélicos no Brasil: cosmovisão articulada à migração. In: *Plura, Revista de Estudos de Religião*, v. 14, n. 1, 2023. pp. 64-82.

OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES EM SÃO PAULO. Banco Interativo – Números da imigração internacional para o Brasil, 2020-2022 [jan.-abr.]. Campinas, SP: Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP, 2019. Disponível em <https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/bancointerativo/numeros-imigracaointernacional/sincre-sismigra/>. Acesso em 20 de abril de 2019, com atualização em 06 de maio de 2022.

OLIVEIRA, F. O surgimento do antivalor: capital, força de trabalho e fundo público. In: *Novos Estud.*, n. 22, 1988. pp. 08-28.

POSTONE, M. *Tempo, trabalho e dominação social: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx*. São Paulo: Boitempo, 2014.

REY, T.; STEPICK, A. *Crossing the water and keeping the faith: Haitian religion in Miami*. Nova York: New York University Press, 2013.

ROBINSON, C. J. *On Racial Capitalism, Black Internationalism, and Cultures of Resistance*. Londres: Pluto Press, 2019.

ROBINSON, C. *Marxismo Negro: A criação da Tradição Radical Negra*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2023.

SALUSKY, I. *et al.* Fostering Well-being through Social Support: The Role of Evangelical Communities in the Lives of Dominican Women of Haitian Descent. In: *Am. J. Community Psychol.*, v. 67, 2021. pp. 205-219. Disponível em <https://doi.org/10.1002/ajcp.12467>.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho*. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.

SPYER, Juliano. *O povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam*. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

ST. JACQUES, E. *Today Haitians, Tomorrow Bahamians: reassessing the integration of Haitian immigrants in the Bahamas*. Gainesville: University of Florida, 2001.

VONARX, N. *Le Vodou haïtien. Entre médecine, magie et religion*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2012.

ABSTRACT:

The evangelical christianity seems to be increasing in strength within the social lives of Haitian people in the diaspora. In this article, we inquire what tactics Pentecostalism has been offering to Haitian migrants whose social existence is oppressed by everyday poverty. To do so, we will investigate how Haitian churches act on the local level in the neighborhoods where Haitian migrants settle. Our ethnographies reveal that evangelical communities currently play the role of assisting Haitian migrants in their reception neighborhoods. That the "spiritual warfare", in turn, that characterizes Pentecostal doctrine performs a moral work whose promise is to protect this migrant group from risks associated with poverty that current society addresses to them.

Keywords: Haitian migration; Everyday life; Poverty; Evangelical churches.

Recebido em 31/05/2024

Aprovado para publicação em 20/06/2024